



### Camaradas Metalúrgicos:

Chegou o momento das grandes opções. Chegou o momento de recolher os vivas e as bandeiras e começar a lutar com firmeza e bem de frente a situação actual, para que possamos reforçar ou não, a nossa ainda tão débil Democracia.

Hoje, aqui, não está em causa só a discussão ou a justificação do Contrato Colectivo de Trabalho que foi bem ou mal negociado, mas sim a nossa unidade. A direcção não vai justificar-se, mas sim defender a sua posição.

Todos nós sabemos e temos bem a consciência disso, que os Metalúrgicos são uma força poderosa em qualquer parte do mundo. Somos o fiel da balança económico-político-social dum país que penderá para a sólida reconstrução dum nova sociedade Democrática se estivermos organizados, ou cairá no descalabro se nos desunirmos.

Mas, começemos pelo princípio. Quando se iniciou a elaboração e fundamentação do nosso C.C.T., o Sindicato de Lisboa estava ocupado por uma comissão Administrativa posta pelo governo fascista, após a expulsão da Direcção escolhida pelos trabalhadores. Lisboa que representa um terço dos Metalúrgicos do País, ficou assim a leste da elaboração do contrato, porque nós trabalhadores desprezamos o Sindicato gerido por uma comissão a escolhida pelas nossas ex-carrascos. Há uma coisa de que nunca nos podemos esquecer. Negar a nossa colaboração era uma forma de luta. Colaborar foi reforçar as estruturas fascistas exploradoras do nosso-trabalho.

Dezembro de 1973: Federação solicita a nomeação dum trabalhador escolhido por nós. No próprio dia da eleição desta Direcção, tivemos de escolher o nosso representante para iniciar as negociações com os Grémios. Apesar da responsabilidade recaiu por unanimidade na pessoa do nosso camarada Nabais. Lisboa tinha finalmente um trabalhador escolhido pelos trabalhadores, representado na discussão do Contrato. Bem cedo porém, caíram por terra as nossas ilusões. As negociações fracassaram, pois os Grémios em resposta à nossa proposta deram-nos desprezo, exigindo que passássemos à Conciliação e daí à arbitragem.





Éramos a mesma força formidável que hoje somos, mas estávamos representivamente isolados e desunidos. Grande lição podemos extrair daqui Camaradas! Onde estavam metidos os heróis do após 25 de Abril? Onde estavam aqueles que hoje de bandeira desfraldada e dentes cerrados nos querem empurrar para caminhos precipitados? Não basta compreender e ver as necessidades dos trabalhadores para se julgarem possuídos de genial sabedoria humana e nos indicarem um caminho de violência. Somos nós que o temos de trazer! É nas fundições e oficinas onde cosemos os intestinos e nos sugam o sangue, que temos de ganhar experiência de luta e organizarmo-nos conscientemente junto daqueles que de facto lutaram e lutam ao nosso lado e que são trabalhadores.

Mas adiante, Irredutíveis na Conciliação, passou-se à Arbitragem, finalidade dos Grémios. Bem sabíamos qual seria o desfecho. O árbitro sindical não teria a mínima hipótese perante os árbitros Grenial e governamental fascistas. Era uma luta desigual da qual sairíamos vencidos. Surgiu o 25 de Abril.

Os Grémios patronais aparentemente apoiados na repressão fascista ficaram isolados, mas não derrotados. Aquilo que parecia impossível para os trabalhadores, começou a tomar forma real. As Assembleias Gerais até aí reprimidas e controladas começaram a ser concorridas. O Sindicato até aí semi-deserto, começou a ser frequentado assiduamente pelos associados. Finalmente os trabalhadores Metalúrgicos, podiam dizer abertamente quais os seus justos anseios. O caderno reenvindicativo era em parte aquilo que se considerava o mínimo para se viver com decência. A reforçar isto, começaram a surgir nos fábricas as grandes lutas dos trabalhadores, exigindo aquilo a que tinham direito.

Retomam-se as negociações no Porto, com o resto do País em suspense, e envolvidas num ambiente de tensão devido às justas reenvindicações, greves, substituições ministeriais e perspectiva dum Salário Mínimo Nacional. O desfecho já aqui foi descrito.





Analizemos aquilo que se conseguiu:

- \_ 13<sup>o</sup> mês, era coisa indiscutível,
- \_ 4 semanas de férias,
- \_ 1 mês de subsídio,
- \_ 45 horas de trabalho, eram em parte a concretização da nossa reivindicação.

Quanto às reduções anuladas, repare-se no seguinte: Em nenhum país da Europa Ocidental as nossas camaradas de trabalho têm direito, para salário igual trabalho igual. Conseguimo-lo nós, Metalúrgicos Portugueses. Dantes, sofriam uma redução no slário de 20%, mais 10% se trabalhassem em pequenas empresas.

Ceitas as contas e traduzindo isto em números, verificamos que haviam camaradas nossos, especializados, a ganhar 1540\$00. Passemos ao ponto fulcral da questão, ou seja aos 6000\$00 mínimos. Conseguiu a equipa negociadora 4500\$00. Bem pouco para as necessidades dum homem! Impossível de aceitar para alguns!

Camaradas Metalúrgicos! V<sup>A</sup>mos definir posições! Vamos aclarar ideias, arranjar soluções, e não procurar justificações.

Sabem por acaso os presentes, que existem dezenas de pequenas empresas, que estão a encerrar as portas por causa do contrato? Não são os patrões que nos preocupam! Que estoirem! Raio que os partam! São sim os trabalhadores que estão a ser lançados para o desemprego! Sabem por acaso que os grandes Grupos Capitalistas-Monopolistas estão a apoderar-se dessas pequenas empresas para reforçar a sua exploração? Pensaram os presentes que uma Lisnave, Sorefame, Cuf, Covina ou Siderurgia possuem máquinas onde um trabalhador num dia produz tanto como 10 numa semana nas pequenas fábricas? No Sindicato têm aparecido associados a acusar a equipa negociadora de fracasso e parcialidade. Em contrapartida, vêm alguns suplicar que lhes arranjem emprego para dar de comer aos seus filhos.

Na secção de Torres Vedras, alguns trabalhadores apresentaram à Direcção um documento para que se permita baixar as tabelas dontratuais, afim de não serem despedidos!

Temos que continuar a lutar por um salário digno! Não temos é o direito de esquecer os camaradas de Faro, de Viana ou da Madeira. Passamos a ter responsabilidades políticas, pois a nossa força pode ter consequências terríveis. No bom e no mau. Nunca esqueçam camaradas que aqueles que nos exploraram e burlaram, continuam cá dentro. Eles sabem tão bem como nós, que divididos, a nossa força passará para o seu lado. Nós não queremos mais guerras! Estamos cansados de ver sangue, repressão, chicote!

Queremos conscientemente construir uma Sociedadê nova!





Se houver caos, não serão os doutores ou estudantes que resolverão os nossos problemas ou passarão sacrifícios, mas sim nós! Podem auxiliar-nos, mas não nos exijam um caminho desconhecido e violento! Quando houver necessidade da greve, sejamos nós a escolher livremente, esse direito!

Unidos somos uma força!

Dispersos nada valem!

Chegou o momento da opção! O que está certo hoje, pode estar errado amanhã. Mas neste momento, que cada um pense bem no camarada que está ao lado, pois só a unidade nos levará à Democracia!

230

CD25A-UC